



O CONCEITO DE “POBRES DE ESPÍRITO” EM MATEUS 5.3

Eliane Cristina Timoteo de Oliveira

Gelci André Colli

RESUMO

O presente artigo destaca o tema “pobres de espírito” e tem como principal objetivo analisar o texto de Mateus 5.3 – “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Para se perceber a partir desta análise a importância da mensagem de Jesus no Sermão da Montanha este artigo busca apresentar uma exegese do versículo em questão a fim de se analisar tanto pelo aspecto literário como pelo aspecto histórico e teológico quais as evidências que permeiam a interpretação de “pobres de espírito”. O desafio está em conhecer quem são os “pobres de espírito” em Mateus 5.3 visto que esta expressão pode ser reduzida à simples prática de assistência social, será explanado a profundidade teológica de cada palavra contida nesta bem-aventurança, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento e as principais interpretações sobre cada expressão dentro do contexto etimológico para se construir um perfil desta bem-aventurança.

Palavras chave: bem-aventurados, pobres, espírito, reino dos céus

ABSTRACT

This article highlights the "poor in spirit" theme and aims to analyze the text of Matthew 5:3 - "Blessed are the poor in spirit, for theirs is the kingdom of heaven." To understand the basis of this analysis the importance of the message of Jesus in the Sermon on the Mount this article seeks to present an exegesis of the verse in question in order to analyze both the literary aspect as the historical and theological aspect which evidence that permeate the interpretation of "poor in spirit". The challenge is in knowing who are the "poor in spirit" in Matthew 5.3 since this term can be reduced to simple practice of social assistance, the theological depth of each word contained in this bliss, both in the Old Testament as will be explained in new Testament and the main interpretations of each expression within the etymological to build a profile of this beatitude context.

Keywords: blessed, poor spirit, kingdom of heaven



INTRODUÇÃO

A passagem de Mateus, capítulo 5, versículo 3 “*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus*” provavelmente é um dos mais conhecidos discursos de Jesus, isso porque esta passagem explicita sobre a condição do ser humano no reino de Deus. Condição essa que tem uma de suas características expressa na ideia “pobres de espírito”.

Pode-se dizer, também, que é uma das passagens de muita dificuldade de compreensão, e, por conseguinte, de apropriação prática muito abstrata pelas igrejas. Isso porque a interpretação reflete a prática, e pode-se correr o risco de aplicar conceitos desvirtuados que levam ao descaso da verdadeira mensagem Jesus. Em busca de uma contextualização à contemporaneidade, será apresentado um panorama da história da interpretação dessa bem-aventurança e a avaliação das melhores opções hermenêuticas. Para isto faz-se necessário tecer a seguinte pergunta: Quem são os “pobres de espírito” no discurso de Jesus? E ainda, eles estão presentes na sociedade atual? Como a igreja os identifica? É certo que em sua época de atuação junto aos discípulos, Jesus os desafiou em seus vários ensinamentos. Uma interpretação correta do texto carrega também, hoje um desafio à igreja para além da compreensão da bem-aventurança. Porque assim a realização de sua missão no sentido da ministração e da prática efetivamente cristãs estará sendo desenvolvidos. Isso porque se pode reduzir esta expressão à simples prática de assistência social ou até mesmo de uma situação que redunde em exclusão pela abstração e subjetividade da expressão. O sentido procurado volta-se para perceber como este termo se apresenta e a quem ele foi dirigido.



1. A Bem-Aventurança

O capítulo 5 do evangelho de Mateus compreende um conjunto de ensinamentos de Jesus que estão distribuídos até o capítulo 7 conhecido como “O Sermão do Monte”.

Percebe-se que após Jesus percorrer a Galiléia, curando os enfermos e expulsando os demônios, grandes multidões o seguiam, a palavra que se segue para uma mudança de posição de Jesus é: *idon* "vendo" Jesus as multidões, *aneb* "subiu" a um monte. Caracterizando assim uma mudança de lugar tomando uma posição de ensinador, aqui Jesus convida os seus discípulos para lhes dar instruções do modo de vida do Reino de Deus. As atitudes de Jesus são aqui os fatores que predominam para o estudo da perícopé das bem-aventuranças, pois se percebe que Jesus depois de curar as “multidões” sobe a um monte e *anoixas to stoma* "abrindo a sua boca" começa a ensinar. Este é outro fator importante porque segundo William Barclay em grego esta expressão possui pelo menos dois significados (1) “É usada como prefácio de alguma declaração particularmente solene ou importante”. (2) Também como afirmação verdadeira, ou seja, a pessoa está “abrindo o seu coração e mostrando os conteúdos mais íntimos da sua mente” (BARCLAY, 2005, p. 94). Isto determina a sua postura em relação ao caráter didático do Sermão do Monte. Mateos (1993, p. 56) compartilha da mesma opinião dizendo que quando Jesus se dirige aos seus discípulos a expressão "abrindo a sua boca" alude a um tipo de ensino solene, indicando assim a importância do que ele vai pronunciar.

2. Filologia da bem-aventurança

É muito interessante a profundidade do conteúdo teológico desta bem-aventurança. Isso se dá por vários motivos. Um deles é o fato de este pequeno



dito de Jesus apresentar-se carregado de algumas tradições teológicas bíblicas relevantes. É pertinente agora a exposição dessas tradições.

1. Bem-Aventurados

A palavra grega para bem-aventurado é *makarios* “feliz”, “afortunado” e segundo U. Becker (2000) esta palavra se originou de sua forma paralela *makar*, sendo comprovada por Píndaro pela primeira vez com o significado de “livre dos cuidados e preocupações de todos os dias”. Esta expressão se referia à poesia do século IV a.C para descrever a “condição dos deuses e daqueles que compartilham da existência feliz deles”. Mas com o passar dos tempos veio a perder este sentido sendo assim evitada pelos poetas (BROWN; COENEN, 2000, p. 217). No Antigo Testamento U. Becker (2000) diz que “a palavra hebraica *’aser* “felicidade”, “bem-estar”, *’asar* “pronunciar bem-aventurado”, ou *’asrê*, “bem-estar para...”. O sentido destas palavras igualmente se define pelas “aspirações e ideias dominantes da felicidade”. As “bênçãos” ocorrem pela primeira vez na literatura sapiencial “louvando o homem prudente, numa cláusula participial ou relativa” e não depende de “bênçãos terrestres” (Gn 30.13; Sl 127.5); “prosperidade” (Jó 29.10-11); “de uma vida sábia (Pv 3.13); “ou do cumprimento do mandamento de Deus” (Sl 1.1; 119.1). Nos Salmos os bem-aventurados são os que confiam em Deus. “Bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (Sl 2.12). “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada” (Sl 32.1-2). O vínculo existente entre a “felicidade religiosa” que se apóia no “favor de Javé” e a “felicidade terrestre” por intermédio dos “dons do Criador” é elementar na literatura sapiencial (BROWN; COENEN, 2000, pp. 217-218). Sob o ponto de vista de G. Strecker (2002) a palavra *makarios* no contexto do Novo Testamento pode “possuir o significado específico de “feliz” ou “bom”, e pode empregar-se em grande variedade de contextos gramaticais e com diversos significados”. G. Strecker concorda com U. Becker dizendo que o termo *makarios*



derivado da literatura grega que aparece desde Píndaro é usado para descrever o estado (supraterreno) “em que se encontram os deuses e também os humanos que gozam de extraordinária felicidade”. No período de Aristófanes esta expressão “makarios” era um vocabulário comum usado para relatar principalmente a condição “dos ricos que por seu bem-estar se elevam acima das preocupações diárias.” [...] neste sentido G. Strecker analisa da seguinte maneira:

O macarismo do Novo Testamento não pode derivar-se diretamente do âmbito veterotestamentário-judaico nem do âmbito greco-helenístico. Mas, sua forma estilística é atestada tanto na literatura veterotestamentária-judaica como na greco-helenística. Enquanto seu conteúdo esta influenciado por elementos sapienciais e éticos e por elementos apocalípticos. Sua peculiaridade adquire-se pela relação com o acontecimento de Cristo; esta relação foi preparada na pregação de Jesus e foi logo desenvolvida pelos profetas do cristianismo primitivo e pelos escritores do Novo Testamento. (STRECKER, 2002, pp. 127-129).

2.2 “Pobres”

Para que se entenda o conceito de “pobres” no contexto do Novo Testamento se fez necessário buscar a compreensão do mesmo no Antigo Testamento visto que a palavra “pobre”, é usada em várias circunstâncias e formas podendo tomar significados diferentes dependendo do contexto onde está sendo aplicada.

No Antigo Testamento Robert V. Unmack (2006) diz que uma das palavras hebraicas para “pobre” é *‘ebyôn* e significa “aflito”, “angustiado”, “desamparado”, “necessitado” ou seja, é o individuo que foi “maltratado ou está sofrendo algum problema social”. Enquanto a expressão hebraica *dal* é usada para “fraco”, “instável”, “magro”, e é aplicada no sentido de “alguém empobrecido ou de meios reduzidos, mas não necessariamente pobre”. No Antigo Testamento a lei dos israelitas favorecia os “pobres” dos “encargos criminosos dos usurários” (Êx



22.25; Lv 25.36). A beira dos campos e as vinhas deveriam ser deixadas para que o pobre não fosse privado das necessidades básicas da vida (Lv 19.9-10; 23.22) (DICIONÁRIO WYCLIFFE, 2006, p. 1570).

Para Leonard J. Coppes (1998) a raiz hebraica *dal* descreve “aquele de condição humilde”. *Dal* não evidencia padecimento nem tampouco sofrimento, ela demonstra privação, mas não em “nível absoluto”. Esta palavra é usada quando se refere ao povo “pobre” de Israel. Ela revela a carência de bens materiais e de prestígio social como podemos ver em 2 Reis 24.14: “E transportou a toda a Jerusalém como também a todos os príncipes, e a todos os homens valorosos, dez mil presos, e a todos os artifices e ferreiros; ninguém ficou senão o povo pobre da terra” (HARRIS; ARCHER, 1998, p. 313). Leonard J. Coppes (1998) diz ainda que palavra hebraica *’anî* também é usada para descrever aquele que é “pobre”, “fraco”, “aflito”, “humilde”, é usado principalmente para se referir ao indivíduo que padece de algum tipo de deficiência física ou angústia. O *’anî* as vezes é usado como paralelismo sinônimo de *’ebyôn* e *dal*, mas a compreensão da linguagem é de “dar a ideia de alguma disfunção física ou aflição”. O povo de Israel recebe ordens de Deus para não humilhar o seu empregado retendo o seu pagamento, por ele ser um *’anî*, (pobre) de repente ele pode clamar a Deus o seu protetor. Sendo assim o povo tem a aprovação divina quando ofertar ao *’anî* (pobre) (HARRIS; ARCHER; 1998, p.1145). O conceito de “pobres” no Novo Testamento principalmente nos “Evangelhos Sinóticos” segundo o estudo de H. H. Esser (2000) aparece 34 vezes sendo que “(24 vezes; destas, 10 vezes em Lucas, 6 em matéria que lhe é exclusiva)”, à vista disso o estudo da palavra nos “Evangelhos Sinóticos” tem o seu sentido literal. Na passagem do jovem rico Jesus disse: “Vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres” (Mc 10.21; cf. Lc 18.22), a oferta da viúva pobre “que tinha direito a esmolas é muito maior do que aquelas dos ricos” (Mc 12.41; Lc 21.1-4). Em Mt 11.5 Jesus se refere aos pobres da seguinte forma “Os cegos vêm, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o



evangelho”. Jesus também se refere aos pobres na primeira bem-aventurança tanto de Mateus (5.3) “Bem-aventurados os pobres de espírito” como de Lucas (6.20) “Bem-aventurados os pobres”, sobre isto H. H. Esser explica que:

Disputa-se a questão da forma original, bem como a questão de se este dito foi tirado da tradição judaica. Há muita coisa para recomendar o ponto de vista de a forma de Lucas, mais curta (“Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus”) ser original, mas não na segunda pessoa (cf. Mt 5.3: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”), Mateus dá uma paráfrase interpretativa que ressalta o significado hebraico. (ESSER, 2000, p. 1687)

Para se entender melhor esta questão das duas interpretações continuo com o que o autor diz sobre elas:

Nenhuma das duas passagens emprega “pobre” no sentido social geral a forma expandida em Mateus, “os pobres de espírito [*hoi ptochoi to pneumatí*]”, ressalta o fundo histórico vétero-testamentário e judaico daqueles que na aflição confiam somente em Deus (cf. Sl 69 [68]: 28-29, 32-33 [...]. em Lucas as bem-aventuranças se confinam essencialmente à pobreza, aos pobres, aos que choram, aos famintos, aos odiados, e seguem-se os “ais” contra os ricos (Lc 6. 24 e sgs.). Lucas ao empregar a segunda pessoa, indica que a pobreza das bem-aventuranças é aquela que é causada pelo – discipulado. Isto porque aquele que crê no Filho acha cumpridas nEle todas as – promessas de Deus para os pobres e sofredores, angustiados e humildes [...]. (ESSER, 2000, p. 1687)

À vista disso, nos “Evangelhos Sinóticos” diferentemente de outras passagens da Bíblia a “pobreza” é compreendida na condição exata da palavra sem nenhum eufemismo. Portanto o “pobre” é aquele que não tem recursos econômicos sofre as privações das necessidades básicas da vida (BROWN; COENEN, 2000, pp. 1686, 1687).

3. O “Espírito”

Qual é o sentido da palavra “espírito” no âmbito antropológico bíblico? Visto que no hebraico a palavra *ruah* tem o significado de “ar em movimento”, “vento”, “sopro”, “o que é vazio ou transitório”, “espírito”, “mente”. É usado para “fôlego” (Ez 37.5); “sopro de Deus” (Is 11.4); “respiração” (Jó 27.3); “sopro de vida de toda a carne” (Nm 16.22) e também para “aquilo que é vazio ou transitório” (Jó 16.3; Pv 11.29) (HOLLADAY, 2010, p. 476). Na pesquisa de Hans Walter Wolf (2007) ele coloca uma estatística sobre a palavra *ruah* que é muito importante ser levado em conta visto que esta palavra tem várias aplicações no Antigo testamento, segundo ele das 389 vezes (378 em hebraico e 11 em aramaico) que esta expressão aparece 113 delas está em referência a “uma força da natureza”, “vento”, para Deus 136 vezes e 129 vezes para “seres humanos, animais e deuses falsos” (WOLF, 2007, p. 67).

No sentido “metereológico” Hans Walter Wolf (2007) mostra alguns textos como exemplo em que *ruah* aparece como “vento” ou “ar em movimento” Gênesis 1.2 “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o *Espírito* de Deus se movia sobre as águas”, Gênesis 8.1 “E lembrou-se Deus de Noé, e todos os seres viventes, e de todo o gado que estavam com ele na arca; e Deus fez passar um *vento* sobre a terra, e aquietaram-se as águas”, Isaías 7.2 “E deram aviso à casa de Davi, dizendo: A Síria fez aliança com Efraim. Então se moveu o seu coração, e o coração do seu povo, como se movem as árvores do bosque com o *vento*”. Em todas estas passagens do Antigo Testamento a *ruah* é a “força que causa mudanças” e está sempre à disposição de Javé (WOLF, 2007, p. 68).

Hans Walter Wolf (2007) diz que no sentido antropológico *ruah* como “vento” é a “respiração”, ou seja, é a “força vital dada por Javé” para o ser humano, e aparece no texto sempre em correspondência com *neshamáh* (vida) como em Isaías 42. 5: “Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os



estendeu, e esprou a terra, e a tudo quanto produz; que dá a *respiração* ao povo que nela está, e o *espírito* aos que andam nela” e também em Zacarias 12.1 “Peso da palavra do Senhor sobre Israel: Fala o Senhor, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o *espírito* do homem dentro dele” . Ao contrário dos “ídolos de madeira e pedra” onde não há ruah no sentido de “respiração”, ou seja, nenhuma “força vital”, como em Habacuque 2.19 “Ai daquele que diz ao pau: Acorda! e à pedra muda: Desperta! Pode isso ensinar? Eis que está coberta de ouro e de prata, mas dentro dela não há espírito algum”. O autor ainda conclui dizendo que: “o ser humano só pode ser compreendido devidamente a partir da comunicação de Deus com ele” (WOLF, 2007, pp. 69, 77). No Novo Testamento J. Kremer diz que: “o substantivo verbal *pneuma* derivado de *pneo* designa o poder elementar da natureza e da vida: vento, sopro; respiração” e tem o seu equivalente no hebraico ruah e por sua aplicação no judaísmo. O conceito elementar de ruah, portanto é “vento”, “respiração”, entendido como “a força que se encontra na respiração e na explosão do vento, cuja origem e destino seguem sendo enigmática”. A palavra ruah no hebraico é usada para indicar a pessoa do “Espírito de Deus”, que tem a sua atuação como “energia vital” e que agracia os homens com “dons especiais e inspira as pessoas” (BALTZ; SCHNEIDER, 2002, pp.1024-1025).

Da mesma forma que Hans Walter Wolf, Kremer também expõe uma estatística sobre a palavra no Novo Testamento, pois o mesmo termo é aplicado em vários sentidos, ele explica que o conceito “espírito” ganha uma “nuance muito peculiar” na releitura do Novo Testamento, sendo assim das 379 vezes em que a palavra *pneuma* aparece apenas 3 delas tem o “sentido original” (vento impetuoso/sopro). Com referência ao ser humano (47 vezes), espíritos malignos (38 vezes), espíritos de mortos e anjos (umas 9 vezes), a maior ocorrência da palavra ocorre em relação ao Espírito de Deus (275 vezes), para Espírito Santo (92 vezes), Espírito do Pai (uma vez), Espírito de Cristo (3 vezes) e Espírito de Jesus (uma vez). Por causa dessas características especiais, o “conteúdo



semântico” de *espírito* é modificado nos diversos escritos do Novo Testamento. Kremer ainda explica que:

Ao determinar o sentido de *pneuma* tem que se levar em conta que a tradução alemã vem de *Geist* (espírito) constitui freqüentemente uma barreira para a compreensão já que em alemão o termo *Geist* se associa freqüentemente aos significados de *Geist* = ser imaterial (espírito, fantasma), o de *Geist* = intelecto, razão, mente. Também por influência da doutrina da igreja, não é raro que *pneuma* se entenda precipitadamente como [pessoa]. Para se evitar este último mal entendido, muitos escritos exegéticos se apartam da norma de escrever com iniciais maiúsculas os conceitos estereotipados (BALTZ; SCHNEIDER, 2002, pp. 1025-1026).

De acordo com o exposto acima, num aspecto geral *pneuma* (espírito) pode ter diversos significados. Apesar de ter o sentido de “respiração vital”, o termo também é apontado como o “espírito do homem” a parte imaterial que se relaciona com Deus, dentre outras. Nesse sentido, cabe sempre observar o contexto em que o vocábulo está inserido, levando em conta a intenção do escritor bíblico.

2.4 “Reino dos Céus”

O que significa esta expressão que Jesus trouxe quando pregou a maravilhosa mensagem da chegada iminente do reino? Em Mateus 3.2 João Batista aparece em cena e a sua mensagem é: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos Céus”. Jesus também inicia o seu ministério com a mesma expressão: “Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos Céus” (Mateus 4.17). Mas afinal, o que é o Reino? William A. Stoll, Jr., (2000, p.2027) identifica a raiz hebraica *malak* com o significado de “exercer autoridade sobre um povo em um determinado lugar, que pode ser “uma cidade” ou um “império mundial”. O reino ou o domínio de Javé sobre Israel começou quando Abrão aceitou o chamado divino e se mudou para Canaã, prometendo então a Abrão que faria dele uma grande nação, a partir dali



Javé “seria o rei de Israel por direito de eleição e criação”. No seguimento deste plano de Deus para “reestabelecer sua soberania sobre toda a humanidade” a família de Jacó se estabelece no Egito. Depois de quatrocentos anos, “Javé aparece a Moisés e anuncia a sua determinação de libertar o seu povo do jugo egípcio”. William A. Stoll, Jr., diz que “depois de operar dois grandes milagres, a morte dos primogênitos e a travessia do Mar de Juncos, Javé é reconhecido como rei de Israel por direito de redenção: “Javé reinará para sempre” (Êx 15.18) [...] Somente Javé é o verdadeiro Rei de Israel. Ele começou a reinar e reinará para sempre!” (BROWN; COENEN, 2000, p. 2027).

Ainda dentro desta compreensão do Antigo Testamento Klappert (2000) diz que a expressão “reino dos céus” (*mal'kût shamayim*; Gr. *Basiléia ton ouranon*) deve a sua origem ao esforço do judaísmo rabínico. No sentido de achar uma alternativa para o Nome divino na frase *mal'kût YHWH* (“reino de Javé”) mediante o emprego, ou de *s'kinâh*, “glória” (Gr. *doxa*) ou *shamayim*, “céus” (Gr. *ouranos*). “O “reino dos Céus”, portanto, é uma expressão judaica, que é puramente teológica na sua referência”. (BROWN; COENEN, 2000, p. 2030) No judaísmo a esperança é de um Messias que virá nos tempos do fim, subirá no trono de Israel e sujeitara a Si todas as nações da terra. “E somente então que o reino dos céus, até então oculto, emergirá do reino transcendental”. Não existe nenhum vínculo no judaísmo com a vinda do “rei messiânico nacional” e a “vinda do reino de Deus”. Para se fazer participante do reino de Deus a exigência agora é apenas que se tome uma decisão diante de Deus, sendo assim ser um israelita já não é mais um “fator determinante”. Na literatura rabínica, Klappert ainda diz que: “o termo ‘reino dos céus’ é comparativamente raro, e não tem o mesmo significado importante que assume na pregação de Jesus”. Isto se explica no fato de que os judeus nacionalistas pensavam em um “messias-rei nacionalista”. À vista disso podemos dizer que no judaísmo “reino dos céus” é um conceito puramente escatológico (BROWN; COENEN, 2000, p. 2030).



Na percepção de George Eldon Ladd, (2003) a expressão “Reino de Deus” não ocorre no Antigo testamento, mas a “idéia pode ser encontrada em toda a extensão da atividade profética”. Por várias vezes Deus é visto como o “Rei de Israel” (Êx 15.18; Nm 23.21) e também de toda a terra (2Rs 19.15; Is 6.5), por outro lado há outras referências que falam “de um dia quando Ele se tornará Rei e governará sobre o seu povo” (Is 24.23; 33.22; 52.1). No desfecho final pode-se dizer que a despeito de Deus ser Rei, Ele também “deve *tornar-se* Rei, ou seja, deve manifestar sua soberania real no mundo dos homens e das nações” (LADD, 2003, p.87).

No Novo testamento o significado de “Reino” para Júlio Paulo T. Zabatiero (2000, p. 2036) principalmente nos Sinóticos “é o exercício de Deus na Sua atividade como Redentor e Juiz da humanidade, no cumprimento das promessas messiânicas contidas no Antigo Testamento” (BROWN; COENEN, 2000, p. 2036). Para muitos estudiosos o Reino de Deus no Novo Testamento é tanto uma realidade presente como uma atividade futura, sobre este assunto George Eldon Ladd (2003) diz que “as interpretações a respeito do reino de Deus assumem uma variedade de formas, umas distintas das outras atingindo quase uma variedade infinita em detalhes” e assim ele mesmo declara que “o Reino de Deus é o domínio real de Deus, que tem dois momentos: um é o cumprimento das promessas do Antigo Testamento na missão histórica de Jesus, e o outro é a consumação no final dos tempos, inaugurando o século futuro” (LADD, 2003, pp. 84-87).

3. Comentários à Bem-Aventurança

Em Mateus o conceito de pobres de espírito “se entende puramente religioso (...), segundo essa concepção, *hoi ptochoi* são os humildes, os pobres perante Deus, que diante de Deus se colocam como mendigos, de mãos vazias,



conscientes de sua pobreza espiritual” (JEREMIAS, 2008, p.180).

O propósito pelo qual Lucas e Mateus divergem neste assunto é que Lucas pensa em pobres no sentido de “opressão externa”, Mateus pensa na “angústia interna”. A tradição das bem-aventuranças em Mateus se deu a partir de uma igreja que estava lutando contra a tentação farisaica de autojustificação, e a tradição de Lucas numa igreja que estava sob dura opressão e precisava de conforto (JEREMIAS, 2008, p.182). A expressão *he basileia ton uranon* “Reino dos Céus” no contexto de Mateus tem um significado relevante, pois no ambiente judaico-cristão em que Jesus estava inserido não era comum, pois no Antigo Testamento “reino” é muito pouco usado no sentido de espaço, “de território, quase sempre quer dizer o poder de reinar, a autoridade, o poder de um rei”. Mas “reino” em tempo algum é compreendido abstratamente, mas sim como “estando em processo de realizar-se”. Portanto o “reino de Deus” não é uma definição “espacial nem estático, mas dinâmica”. Esta expressão significa a autonomia de Deus em atuação, em oposição à autoridade humana, e também igualmente contrária a toda soberania no céu e na terra. O fundamento central do “Reino de Deus” é de Ele está promovendo o ideal da justiça real, sempre desejado, mas nunca cumprido na terra (JEREMIAS, 2008, pp.161-162).

Considerações

O Sermão do Monte é conhecido como o “ensino oficial de Jesus” pelo seu conteúdo extremamente didático, ele evoca o mais profundo pensamento de Jesus sobre o Reino de Deus.

Neste discurso de Jesus encontramos uma mensagem que muda completamente a posição das pessoas em relação ao reino de Deus.

Na atualidade esta expressão denota singeleza de espírito, como contrário ao espírito arrogante e soberbo que o mundo apresenta, não existe



nenhuma possibilidade de alguém cheio de si mesmo tomar posse do “Reino” sem antes se esvaziar de todo o seu orgulho e prepotência, enquanto o mundo prega uma mensagem em que coloca o homem no centro de tudo Jesus afirma o contrário, pois ao que reconhece a sua miserável condição de pecador é a estes que pertence o “Reino”, e ainda Jesus chama estes de “felizes”, uma vez que não se vangloriam da sua posição diante de Deus.

A característica do “pobre de espírito” é saber que ele depende completamente de Deus, não existe autogoverno no pobre de espírito, mas sim uma disposição para a obediência, para a submissão a Deus e a sua palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCLAY, William. **O Novo Testamento Comentado por William Barclay**. Tradução: Carlos Biagini. São Paulo: Paulinas, 2005.

BEM-AVENTURADO. In: G. STRECKER. **Dicionário Exegético Del Nuevo Testamento**/Horst Baltz, Gerhard Schneider. 2002, pp.127-129. Vol. II.

POBRES. In: ROBERT V. UNMACK. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ESPÍRITO. In: J.KREMER. **Dicionário Exegético Del Nuevo Testamento**./Horst Baltz, Gerhard Schneider. 2002, pp. 1024-1028. Vol. II.

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JEREMIAS, Joachim. 1900 -1979. **Teologia do Novo Testamento**/J.Jeremias tradução: João Resende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

LADD, George Eldon, 1911. **Teologia do Novo Testamento**/ George Eldon Ladd; [tradução: Degmar Ribas Júnior]. –ed. ver. – São Paulo, Hagnos, 2003.

MATEOS, Juan, S.J. **O Evangelho de Mateus: leitura comentada**/Juan Mateos, Fernando Camacho; [tradução João Resende Costa; revisão Honório Dalbosco]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

MOUNCE. William D. **Léxico Analítico Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.



“pobre”. In: ROBERT V. UNMACK **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p.1570.

“pobre”. In: LEONARD J. COPPES. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. pp. 313; 1145-1146.

“pobre”. In: H. H. ESSER. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. pp. 1686, 1687.

“reino dos céus”. In: JÚLIO PAULO T. ZABATIERO. **Dicionário Internacional De Teologia Do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 2036.

WOLF, Hans Walter, 1911-1993. **Antropologia do Antigo Testamento**/Hans Walter Wolf; Tradução Antônio Steffen; - 1ª ed. rev. e Atual. – São Paulo: Editora Hagnos, 2007.